

Sociedade das Ciências Antigas

***VIDA E OBRA DE SANTA
CLAUDINE THÉVENET***



(1774-1837)

***FUNDADORA DA CONGREGAÇÃO
DAS RELIGIOSAS DE JESUS-MARIA***

A Santa Claudine Thévenet foi a segunda de uma família de sete crianças, nascida em Lyon, França, em 30 de Março de 1774. Foi batizada na igreja St. Nizier na mesma cidade.

Seu pai, Philibert Thévenet, nascido em 1734, foi um negociante em Lyon e sua mãe, Marie Antoinette Guyot de Pravieux, pertencia ao mundo da indústria da seda, casaram-se em 1770 e, em 1773, nasceu o primeiro filho, Louis-Antoine, Claudine o segue em 1774, em seguida nasceu François-Marie, em 1775. A seguir, em 1777, nasceu Françoise-Elisabeth (Babet), em 1779 nasceu Elisabeth-Françoise (Fanny), a seguir Jean-Louis em 1780 e, então, Eléonore-Antoinette, em 1782. A família Thévenet pertencia a burguesia e ao mundo dos negócios. Sua infância não foi dentro do luxo e ela viveu com uma real preocupação com a caridade.

Claudine evolui pacificamente dentro de um meio profundamente cristão. Desde muito pequena seu prenome tornou-se Glady, pois seu nome era muito pronunciado como Glaudine, daí Glady.

Com oito anos, Glady era capaz de cuidar de seus irmãos e irmãs, que lhe dão o sobrenome de “Pequena Violeta”. Sua infância é misturada de um clima de amor, de felicidade e amizade no seio de uma família que cultivava numerosas relações entre amigos e parentes.

“Glady”, então, como a chamavam afetuosamente, exerceu muito cedo uma feliz influência sobre os seus irmão e irmãs pela sua bondade, pela sua doçura e seu esquecimento de si mesma em bem dos outros.

A empresa comercial de Philibert Thévenet se mantém bem até 1782, data que a economia Francesa entra numa grande recessão, onde seu negócio fica instável como muitos outros. A falência acontece devido às dívidas acumuladas e a impossibilidade de seu pagamento.

A família reduz seu nível de vida e o casal procede a uma separação de bens a fim de garantir a herança de Marie-Antoinette, que abre uma pequena fábrica de chocolate com uma loja.

Nesta época, Glady é admitida como pensionista na abadia real de Saint Pierre les Nonnains, a qual foi reconstruída em 1659, pela abadessa Anne d’Albert de Chaulnes.

Ela passa sete anos dentro deste estabelecimento, a fim de completar a formação recebida no seio de sua família. Sua educação é confiada a uma religiosa que lhe ensina tudo que uma jovem mulher do mundo deveria conhecer. Ela aprende a fazer bordados, costurar e, sobretudo, desenvolve o senso de ordem e o de cuidar de cada coisa.

Este longo período de separação dos seus familiares deixa marcas profundas em sua alma.

Quando Claudine reencontra sua família, no fechamento da abadia pelo governo, ela tem quinze anos, isto é, em 1789.

O frio intenso do inverno de 1788-1789 destruiu uma grande parte das colheitas e os preços fazem diminuir a atividade comercial. A penúria se torna extrema, pois muitos operários estão sem trabalhos e, conseqüentemente sem recursos. Neste tempo de incertezas, a inquietude se manifesta e a confusão se instala nas mentes. Louis-Antoine e François-Marie, então, convivem com as novas ideias de Rousseau, Lafayette, ... eles esperam as reformas que farão da França um País moderno, justo, prospero e livre.

A situação familiar mudou bastante, o Sr. Thévenet e Louis-Antoine trabalham para os Guyot de Pravioux. François-Marie começa, então, um estágio como impressor numa gráfica.

Claudine, nesta época, é absorvida pelo trabalho doméstico e seu papel de irmã mais velha ocorre com maestria e reserva. No que tange as praticas religiosas, ela decidiu de seguir as diretrizes dos Padres e a voz do Papa.

A história esta andando e os acontecimentos se sucedem: o Rei é preso em Varennes, a assembleia legislativa declara guerra aos soberanos estrangeiros, a família real é presa, a pátria declarada em perigo; uma nova assembleia assume e as suas primeiras decisões declaram a abolição da realeza e a proclamação da república, os girondinos e os montanhesees se afrontam com muita violência, o Rei morreu na forca e os girondinos foram abatidos. Os montanhesees vitoriosos criam um governo revolucionário que se prepara para reprimir a rebelião de uma parte da província.

Em 29 de Maio de 1793, Lyon se revolta. Visto os decretos da convenção ameaçando, entre outros, a liberdade da expressão religiosa, o confisco de posses, o estado de direito e aterrorizando os cidadãos com a construção de uma guilhotina na praça do Terreaux, os Lyoneses respondem com a ocupação da casa das armas da cidade e guilhotinam “o terrível” Chalier, em 16 de Julho de 1793, na mesma praça.

Glady, tem quinze anos quando começa a Revolução Francesa e dezenove anos quando da revolta de Lyon.

Assim como todos os moradores de Lyon, Claudine vive as horas trágicas do período de Novembro de 1793 a Janeiro de 1794, pois Lyon estava totalmente dominada pelas forças governamentais, assim, os moradores testemunharam a morte, na praça Bellecour, de vários resistentes aderentes a rebelião em Lyon, entre outros, de religiosos e religiosas, de oficiais aposentados e muitos outros notáveis, entre outros, como o Mestre Pierre André (Le François) De Grainville, Antoine e Pierre Willermoz, Millanois e Guillaume de Savaron e, ainda, em Janeiro de 1794, a Villa de Lyon assiste, também, sem poder de ação e aterrorizada, a execução de centenas de resistentes, entre eles, os dois irmãos de Claudine, também, mortos em represália, após a caída da vila de Lyon.

O TERROR VERMELHO

O terror vermelho começa a partir da colocação em vigor dos decretos da convenção em Maio de 1793, mencionada anteriormente. Philibert Thévenet confia os seus 4 filhos mais jovens a sua irmã, que vive em Belley, os três filhos mais velhos ficam com a mãe, em Lyon e, infelizmente, Philibert, não conseguiria mais entrar em Lyon. Uma comissão popular decide recrutar voluntários, os seus dois filhos mais velhos se engajam, pois seriam incapazes de ficar em suas casas sem reagir.

Explicar sobre a revolução e como a mesma deu origem na rebelião em Lyon e, assim, na adesão de dezenas de Padres, religiosos, da população em si, não seria uma tarefa fácil, sobretudo, pois existiram aproveitadores da situação no governo revolucionário, e que estavam, naquele momento, com o poder em suas mãos e possuíam interesses pessoais sobre os recursos locais e, logo, silenciavam todos aqueles que se declarassem prejudicados com suas ações, foi assim, que a população, despojada de até sua dignidade, que a Igreja, distanciada a força de realizar sua missão cristã com a população e, até mesmo, das Sociedades Inicáticas locais e ordens religiosas, que foram aterrorizadas e ameaçadas, pois o governo revolucionário queria calar a todos que poderiam ameaçar seu governo tirânico. Desta forma, simplificada, foram estes os principais motivos que fundamentaram a rebelião da população de Lyon.

Assim, em Setembro de 1793, o bloqueio era total, ao qual era realizado pelas tropas do General Kellermann, que segundo consta era Franco-maçom e aderente ao governo revolucionário, assim, faltava pão e qualquer outro suprimento, os bombardeios foram mais e mais violentos; Lyon estava em chamas e a ameaça aumentava: Lyon será totalmente destruída!

A população, com poucas armas em mãos, conseguiu, até o último instante, evitar que Lyon fosse invadida à força. Os mais experientes em combate, prevendo um final próximo, decidiram não se entregarem e, então, de se separarem e fugir em cinco grupos, assim, em 8 de Outubro, dois destes grupos conseguiram passar pelo cerco e fogem em direção a Suíça, contudo, os grupos seguintes foram notados e interceptados, foi assim que ocorreu, em 9 de Outubro a capitulação e a repressão e imediata.

Louis-Antoine Thevenet, foi preso com armas em mãos e seu irmão caçula foi denunciado por vizinhos e preso, ainda, um irmão de madame Thevenet foi, igualmente, preso.

O grupo de militares aposentados e os mais experientes com as armas teriam sido o último a tentar fugir e, assim, garantiria a segurança daqueles que ficariam na cidade, foram estes os que mais sofreram, logo, foram humilhados, aterrorizados, até o dia de suas mortes em praça pública, foram estes, os primeiros a morrerem na guilhotina ou fuzilados sumariamente, sem um julgamento justo, ao meio de um mar vermelho de sangue. Deve-se parar para mencionar que não era de interesse do governo revolucionário chamar mais a atenção para suas irregularidades, precisavam acabar logo com a vida daqueles que ameaçavam suas ambições, políticas e sociais. Assim, os registros que se tem sobre estas mortes na guilhotina de Novembro de 1793, mostraram que estas não tinham produtividade, não davam conta da multidão, as guilhotinas, que não eram muitas, falhavam nas

primeiras tentativas, as mortes não eram instantâneas, as vítimas agonizavam e, assim, aproximaram as guilhotinas próximo do rio para que aquela quantidade imensa de sangue pudesse ser escoada para o rio ou, ainda, para aumentar a produtividade da ação, fuzilavam os mesmos.

As mulheres que pediam a libertação de seus filhos ou maridos acabavam sendo presas e, em seguida, morreriam com os mesmos.

Claudine foi muito forte e tentou se aproximar de seus irmãos. Então, após dias de angústia, com seus irmãos na prisão e, com pleno conhecimento das consequências daquele ato, Glady visita a prisão, finge sua admiração pela república e, então, obtém permissão dos carcereiros para reconfortar e levar provisões aos presos. Após o ocorrido, o Pai de Claudine retorna a cidade e tenta de todas as formas libertar seus filhos, até mesmo, consegue um certificado de boa conduta em favor deles e o apresenta a comissão revolucionária, a qual não levará em conta e os condenará a morte. Era através de sinais com as mãos que se decidia - se a morte seria por guilhotina ou fuzilamento.

Dentro da mesma prisão, encontravam-se muitos religiosos e, naquela situação de morte iminente, os irmãos de Glady recebem sua última confissão, o que renova os sentimentos de Fé, que eles exprimirão em sua última carta escrita a sua família.

Ignorando a sentença de morte contra seus irmãos, Claudine estará na prisão neste dia para vê-los, o que teria sido recusado nos dias anteriores. Próximo ao Hotel de Ville, ela vê uma fila de aproximadamente 200 condenados, dois a dois, sendo conduzidos à morte. Em breve, ela conseguirá ver, inconformada, seus dois irmãos nesta fila. Desesperada, ela se aproxima deles, apanha uma carta, que seu irmão Louis, jogou no chão, a qual ele lhe faz a seguinte recomendação: “ Glady, perdoe como nos perdoamos”.

Mais morta que viva, Glady segue o comboio até o lugar da execução, na planície de Brotteaux, naquela época sem habitações, lugar com árvores e campo.

Os prisioneiros foram dispostos numa fossa cheia de água ou amarrados nas árvores e, ao comando dado, o fuzilamento ocorreu, os corpos caíram e, alguns agonizavam, outros tentaram fugir, então, com golpes de sabre finalizavam a chacina. Claudine teve uma dor profunda em ver seus irmãos serem mortos, entre os sobreviventes massacrados.

Estas visões marcaram para sempre a Jovem de vinte anos. A pergunta que emerge é: Como Claudine conseguiu forças para suportar ver esta matança?

Visto sua fé profunda, ..poderia ter sido análoga a visão do Cristo crucificado: morrendo e perdoando.

O TERROR BRANCO

O decreto para acabar com a vila de Lyon não foi levado à letra, muitos prédios da praça Bellecour tiveram apenas sua fachada destruída.

Após a morte de milhares de resistentes, entre eles, de dezenas de Padres e religiosos, de dezenas de oficiais aposentados e franco-maçons, centenas de operários da indústria e comércio de Lyon, as suas famílias tentavam continuar a conviver no meio da vizinhança e parentes que delataram seus maridos e filhos mortos ou que estavam ou estariam, ainda, escondidos, assim, este é o chamado terror Branco.

Existia, portanto, uma grande missão para todos, para os parentes das vítimas, os envolvidos nos massacres e os delatores, todos tinham que perdoar ou encontrar o perdão por seus atos.

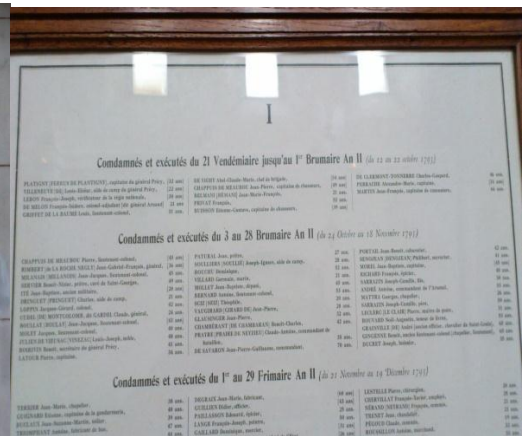
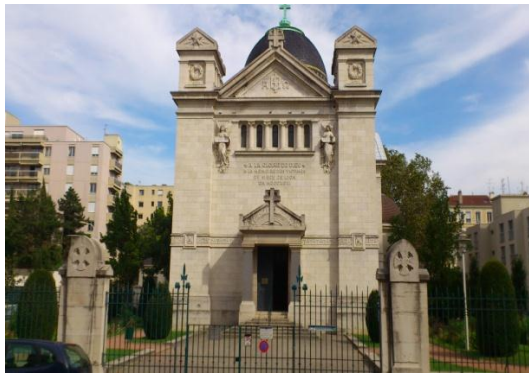
O primeiro monumento foi construído, pelos familiares das vítimas, em madeira, conforme o registro em tela, como mostra a foto abaixo, exatamente no local das chacinas, em Brotteaux, o qual foi “incendiado”, após algum tempo de sua inauguração, pelos membros da república.



Anos alguns após, foi reconstruído, em forma de pirâmide, cuja capela continha os restos mortais de apenas 209 mortos, que teriam sido fuzilados, os quais foram encontrados numa vala comum, entre os milhares de mortos desta época do Terror, em Lyon.



Devido a um rearranjo urbano, construções de prédios comerciais e vias, outra capela foi construída, local atual que guarda os restos mortais e que homenageia os resistentes ao terror de Lyon da época da revolução Francesa.



Atualmente, os familiares das vitimas do terror de Lyon, através de uma associação local, preparou um dossiê sobre as vitimas, para que a Igreja os declare como Mártires em Cristo.

Claudine, então, possuiu em seu corpo a memória viva das atrocidades acontecidas, era comum ocorrer um tremor em sua cabeça, que ela chamava de “Meu terror“ e a respiração inconstante eram os fatos que se manifestavam de tempos em tempos.

Quando “O Terror” acaba, Marie-Antoinette Thévenet dirige, ainda, a fabrica em condições muito precárias, ajudada por todos os seus familiares e próximos.

Após a convenção - é o Diretório, com os seus golpes de Estado, com sua corrupção, com seu desastre financeiro, com suas guerras externas, com a exaltação de um de seus generais, em 9 de Novembro de 1799, no golpe de Estado intitulado de “o 18 Brumaire”, que traz o poder a Bonaparte e, rapidamente, por razões políticas, ele tenta restabelecer a paz religiosa e obtém um acordo com o Papa Pio VII em 1801.

Nesta época, os emigrantes do Terror começam a, ilegalmente, entrar na França. Sua irmã, Babet, em 1802, casa-se com um ex-soldado do exercito do príncipe de Condé, o qual estava em condição ilegal na época.

Claudine se dedica as obras de caridade da paróquia de Saint Bruno e, sob a iniciativa do Abade Simon Gagneur, Padre da paróquia, é estabelecida uma confraria do Sagrado Coração de Jesus. Em 22 de Janeiro de 1809, doze pessoas, contando com a presença de Claudine, são recebidas nesta e, tendo renunciado ao casamento e, a partir de agora, será na direção de Deus que ela colocará todo seu esforço. Ela conheceu, nesta época, um recém ordenado Padre André Coindre, o qual mais tarde, tornar-se-á seu diretor espiritual. Ao meio dos seminaristas desta época, haviam um grande número de fundadores de congregações, tal como, Jean-Marie Vianney, frequentemente chamado, a seguir, pelo nome de “ Curé d’Ars”.

Em 1815, o Padre André Coindre exerce a função de vigário na Paroquia Saint Bruno, cujo superior era o Abade Gagneur, o novo vigário não era apenas um excelente orador, mas, ainda mais, amigo das crianças desfavorecidas, um apóstolo dos humildes. Um dia, o vigário encontrou duas meninas morrendo de frio e o Abade o sugeriu de apresentá-las a Senhorita Thévenet. Claudine, emocionada pelo estado de miséria das crianças e, em lagrimas, acolheu-as em sua casa. Esta é uma etapa decisiva para a vida de Claudine. O Padre Coindre não demorou em descobrir a personalidade de Claudine, ele admirou a sua fé profunda e sua generosidade, sua grandeza de alma, sua moral ilibada, sua energia, seu tato e sua grande humildade.

Claudine perdeu o seu pai e vive, agora, com sua mãe, suas duas irmãs mais jovens tinham entrado em ordens monásticas. Claudine sabe que não poderá impor, por um período longo, a presença destas crianças, ela sonha em criar uma “Providência”, onde ela possa aceitar as crianças órfãs ou não, que por diferentes razões são abandonadas. Dever-se-ia instruir estas crianças, educar, formá-las numa profissão, afim que possam ganhar sua vida numa idade adulta.

O Abade Coindre conseguiu, a seguir, um local emprestado e, também, reuniu ao redor de Claudine, que iria dirigir esta associação, pessoas para prover os recursos necessários. A partir desta reunião, ocorrerá a decisão de se fundar uma pequena casa de “Providência”, que será chamada de “Providência do Sagrado Coração” ou de Saint Bruno, a qual Claudine será a responsável, após quase vinte anos ao serviço de obras de caridade, dentro de condições, frequentemente, difíceis.

O DESENVOLVIMENTO DA CONGREGAÇÃO

A “Providência”, aberta em 1815, funciona muito bem e conta com a ajuda de dois religiosos de Saint Joseph.

Uma segunda casa será aberta, será uma pequena escola profissionalizante para a fabricação da seda.

Em 1818, Claudine deixa sua casa para se engajar em suas obras.

Em 20 de Maio de 1820, Claudine tem a dor da perda de sua mãe.

Visto a necessidade de conseguir um lugar maior para os seus trabalhos, Claudine encontra uma propriedade, chamada de “L’Angélique”, nome oriundo do primeiro proprietário desta propriedade, bem a frente da praça da Fourvière e da capela dos peregrinos. Catherine Laporte ajudou a pagar a quantia pedida.



Uma reforma urgente se fazia necessária para dar abrigo a 40 pessoas. Em Novembro de 1820, as crianças foram rapidamente instaladas num relativo conforto, mas num vasto espaço de recreação. A seguir novas reformas serão necessárias para montar uma capela provisória e a oficina de fabricação de seda e, também, separar as crianças da “Providência”.

A família de Catherine Laporte exige que a mesma se retire da sociedade e que receba de volta a quantia emprestada originalmente. Claudine consegue um empréstimo colocando Deus como caução e, graças ao seu trabalho, sua excelente gestão financeira e a compreensão dos credores, o empréstimo foi reembolsado.

Sem se ter dado conta, Claudine se tornou “Uma fundadora de congregação”, resta a ela conseguir a aprovação oficial eclesiástica, afim de a mesma, revestir-se de um cunho religioso, que ela, por diversas vezes, recusou no passado.

O Cardinal Fesch, ainda, em exílio, em Roma, recusou se demitir e, em sua ausência, os vigários gerais não aceitam nenhuma nova fundação religiosa. Apesar de tudo, decide-se de tomar os nomes religiosos e adotar um traje civil modesto e preto.

Claudine deseja, então, se colocar sob a proteção de Saint Ignace. Ela decidiu abandonar seu nome e tomar o nome de Marie Saint Ignace.

O Abade Coindre, nomeado superior dos missionários de Velay, funda um colégio em Monistrol-sur-Loire, ele tem a ideia de vir a esta vila, aquelas que ele chamava “As damas do Sagrado Coração de Jesus e Maria” afim de chegar, por esta direção, a instituição canônica, que era impossível em Lyon.

Por uma simples carta de 4 de Fevereiro de 1823, é dada a autorização ao Padre Coindre de receber os votos daquelas que assim o desejarem.

Dez dias, mais tarde, um grupo de mulheres parte de Fourvière para Monistrol.

Em 25 de Fevereiro de 1823, dentro da capela do colégio, as primeiras irmãs pronunciam frente ao Padre Coindre, os votos simples de castidade, de pobreza e obediência perpétua, elas são em numero de cinco: Mère Marie St Ignace (Claudine Thévenet, 48 anos), Mère St François-Borgia

(Mme Ferrand, 40 anos), Mère St. Pierre (Mme. Dioque, 57 anos), Mère St-Xavier (Melle Chippier, 28 anos) e Mère St. Bruno (Melle Jubeau, 20 anos).

No começo de 1824, a congregação é aprovada na diocese de Lyon.

TRABALHOS E PROVAS

As crianças são acolhidas e, elas aparecem de todas as partes da rua, para algumas este acolhimento será um verdadeiro salvamento psíquico e moral. Elas chegam muito jovens e ficam até completarem 21 anos. Uma sólida educação cristã e conhecimentos elementares são ensinados a elas, assim como, uma profissão a qual poderão fazer viver mais tarde, isto é um exemplo **de Ajuda Verdadeira**.

Em 30 de Maio de 1826, o Padre Coindre, vítima da febre tifoide, morre com a idade de trinta e nove anos. Neste mesmo dia, a Madre Marie St. Ignace parece, particularmente, triste durante os trabalhos de recreação, ela desconhecia a causa, mas pressentia que ocorreria uma grande prova. Em 2 de Junho deste ano, a novidade chega a Lyon e toda a sua comunidade em sofrimento se coloca a orar por longo tempo.

Ao meio de mudanças políticas e sociais na França, entre os anos 1830 e 1832, os trabalhos de Claudine Thévenet continuam plenamente e, sem mostrar um estado de angústia, reconforta todos e garante que não falta nada a comunidade. Em 1832, a paz e a calma voltam a reinar na Vila de Lyon, mas a Cólera faz a sua aparição na Europa, somente em Abril morreram em Paris cerca de 12.700 pessoas, vítimas da doença, logo, semeando o pânico em todo o País. Neste momento, os Lyoneses se direcionaram, mais uma vez a Deus e a Virgem Maria, dois mil peregrinos subiam por dia à Fourvière para implorar sua proteção. Quando a Cólera esteve próxima de entrar na cidade, contra todas as probabilidades, a doença não entra na cidade: Lyon é poupada da terrível doença.

Durante três anos a epidemia não acabou e Marselha foi, particularmente, marcada com cerca de 500 vítimas por dia e, algum tempo depois, é sinalizado dentro da região do Rhône, a alguns quilômetros de Lyon. O município coloca todos os meios para poupar a vila desta nova invasão e as orações recomeçam dentro da capela da Fourvière, Lyon é salva pela segunda vez...

Após a Cólera de 1832, ocorre outro movimento, o dos operários da seda, motivados por associações políticas vindas de Paris, quatro mil operários param seus trabalhos para forçarem os fabricantes a melhor pagar seus serviços, os religiosos ficam neutros e continuam seus trabalhos e ensinamentos nos ateliers da “Providência”. Em 14 de Fevereiro de 1834, pelo motivo de mais uma redução de salário, a sociedade dos operários decidem nova paralisação dos trabalhos, agora são vinte e cinco mil operários a fazer greve e tropas cercam o Hôtel de Ville e protegem a entrada de todas as pontes do rio Saône e do rio Rhône.

Os trabalhos de construção da nova capela pararam em função desta nova situação e, os rebeldes se instalam na Fourvière, eles apontaram dois canhões sobre a vila de Lyon e, devido ao frio, acabam usando o santuário da virgem como quartel. Em resposta aos seus tiros, os bombardeios se intensificaram. Da praça Bellecour a artilharia era dirigida em direção à Fourvière. Sob a colina da Fourvière as ogivas caíam de todos os lados.

Apesar de as tropas terem conhecimento que existiam apenas religiosas e crianças, eles invadiram a propriedade e se instalaram no prédio para poder atacar os rebeldes, os quais direcionaram suas baterias contra o convento.



Durante o enfrentamento, que dura de 9 a 14 de Abril, contabilizou-se a morte de mais de trezentas pessoas e, a surpresa de não ter existido degradações importantes no Santuário e na “Providência”. Cinquenta operários foram presos, mas anistiados, sem terem sido julgados pela ocasião do casamento do Duque de Orléans, filho de Louis-Phillipe.

Aos proprietários locais foram oferecidos valores relevantes para deixarem suas propriedades e, no local, seria construída uma fortificação, mesmo após ameaças, os proprietários se recusaram a entregar suas propriedades e, por varias razões, sobretudo de ordem político-religiosas, este projeto foi abandonado.

ULTIMAS PROVAS

Claudine Thévenet, Madre Marie St. Ignace, completa, em 30 de Março de 1834, seus 60 anos de idade. As emoções ocorridas ao longo de sua existência provocaram um enfraquecimento prematuro de seu organismo. Das horas sombrias da Revolução ela erdou uma falta de respiração e um tremor na cabeça, adicionalmente, ela sofre agora com dores no estomago que não lhe permitia ter uma alimentação normal e, após os terríveis dias de 1836, Claudine começou a ter fortes dores de cabeça, mas apesar de tudo, conseguia realizar todas as suas tarefas. O superior canônico de sua congregação, Monsieur Cattet teve divergências com Claudine por varios anos e, o mesmo, intencionava fundir, por afinidade, a congregação de Claudine com uma outra. Monsieur Pousset, nomeado para ajudar a fundadora com a redação da constituição de sua congregação teve um papel fundamental, tornava-se a questão urgente pelo fato de se conseguir a obtenção de uma aprovação oficial da congregação por Roma e, então, assim, de escapar ao novo perigo de fusão com outra congregação existente.

Em Outubro de 1836, seu estado de saúde piora, ela pressente o fim e coloca em dia todos os papeis e ajusta todas as contas. Ela recebe a extrema-unção com uma grande piedade a frente das religiosas reunidas a sua frente. O Abade Pousset exorta Claudine a esperança do reino de Deus. No Domingo, dia 29 de Janeiro, ela entra em agonia, fica por alguns instantes com lucidez e diz: “Que o bom Deus é Bom!”, tem seu último suspiro na sexta feira, 3 de Fevereiro de 1837 as 15 horas.

A Madre Marie Saint Ignace foi enterrada no cemitério de Loyasse, mas seus restos mortais, atualmente, descansam na capela da Ordem, a frente a Praça Fourvière.

Claudine não conseguiu ver esta capela finalizada nem conseguir ter recebido as regras da Constituição da Congregação. Ela foi beatificada pelo Papa João Paulo II, em 4 de Outubro de 1981 e canonizada, em 21 de Março de 1993. Antes da beatificação, os seus restos foram levados a Fourvière, dentro da capela de Jesus-Maria, onde ela repousa perto de suas queridas “filhas”.



“Que o bom Deus é Bom!”
“PERDOE COMO NOS PERDOAMOS”

Além de uma bondade extrema, força para o trabalho, incomum entre os seres humanos, Claudine mostra em sua vida, seu desprendimento ao material, sua doação incondicional aos humildes e desamparados e, sobretudo, uma marca em seu coração que a deixou conhecida pela nobreza de sua Alma - através do perdão - por todos aqueles que não sabiam o que faziam, um sinal claro e divino, da iluminação para uma compreensão sobre-humana e uma fé inabalável, que remete a todos a refletir profundamente sobre o perdão e sobre o sentimento de vingança, que seria o mesmo que usar as “armas do mal para fazer o bem!”....

BIBLIOGRAFIA

1-Claudine Thévenet: De uma colina a outra - Yvette Durand-Carrier

FIM